

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT02.025

## **O ENSINO DE GEOGRAFIA E AS PEQUENAS CIDADES: ALGUMAS PROPOSIÇÕES SOBRE ESTA TEMÁTICA CURRICULAR**

**IZABELLE TRAJANO DA SILVA**

Professora substituta do departamento de Geografia (UEPB); Doutora em Geografia (UFPB), tsizabelle@gmail.com;

### **RESUMO**

Este artigo busca apresentar algumas proposições para os professores da educação básica, que em seu cotidiano escolar trabalham a temática das pequenas cidades. Embora o trabalho seja desenvolvido por uma Geógrafa, o conteúdo ora apresentado é pertinente a todos os docentes que desejam discutir essa temática relevante no Brasil. As pequenas cidades compõem um universo inquestionável, enquanto realidade sócio-espacial, visto que elas representam 82% das cidades brasileiras, de acordo com o Censo 2010. Portanto, quanto mais cedo esta temática for inserida no currículo escolar, mais a escola conseguirá dialogar com a realidade social de modo prático e efetivo. Nos livros didáticos de Geografia, geralmente, a cidade abordada, e apresentada pelas coleções das editoras, é apenas aquela grande urbe (com grandes prédios, intensos asfaltos, trânsitos congestionados), todavia este cenário não se aproxima da realidade dos alunos que residem em cidades pequenas. E isso pode comprometer o entendimento de mundo dos discentes, na medida em que o mundo vivido por estes não coincide com a realidade apresentada pelos livros didáticos. Pensar nos conteúdos levando em consideração a realidade dos alunos é uma necessidade para que o processo de ensino-aprendizagem seja exitoso, logo o professor pode utilizar diversas estratégias que contribuam para o entendimento das pequenas cidades, tais como: i) realização de registros fotográficos in loco; ii) confecção de desenhos e poemas; e iii) utilização de músicas, a fim de construir uma imagem de cidade que ultrapassa aquelas situadas nos livros didáticos e que, muitas vezes, impede o entendimento da diversidade, contida nas cidades brasileiras.

**Palavras-chave:** Ensino de geografia, Pequenas cidades, Livro didático, Currículo, Ensino-aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

---

Este artigo busca apresentar algumas proposições para os professores da educação básica, que em seu cotidiano escolar trabalham a temática das pequenas cidades. Embora o trabalho seja desenvolvido por uma Geógrafa, o conteúdo ora apresentado é pertinente a todos os docentes que desejam discutir essa temática relevante no Brasil.

As pequenas cidades compõem um universo inquestionável, enquanto realidade sócio-espacial<sup>1</sup>, visto que elas representam 82% das cidades brasileiras, de acordo com o Censo 2010. Portanto, quanto mais cedo esta temática for inserida no currículo escolar, mais a escola conseguirá dialogar com a realidade social de modo prático e efetivo.

Nos livros didáticos de Geografia, geralmente, a cidade abordada, e apresentada pelas coleções das editoras, é apenas aquela grande urbe (com grandes prédios, intensos asfaltos, trânsitos congestionados), todavia este cenário não se aproxima da realidade dos alunos que residem em cidades pequenas. E isso pode comprometer o entendimento de mundo dos discentes, na medida em que o mundo vivido por estes não coincide com a realidade apresentada pelos livros didáticos.

Pensar nos conteúdos levando em consideração a realidade dos alunos é uma necessidade para que o processo de ensino-aprendizagem seja exitoso, logo o professor pode utilizar diversas estratégias que contribuam para o entendimento das pequenas cidades, tais como: i) realização de registros fotográficos *in loco*; ii) confecção de desenhos e poemas; e iii) utilização de músicas, a fim de construir uma imagem de cidade que ultrapassa aquelas situadas nos livros didáticos e que, muitas vezes, impede o entendimento da diversidade, contida nas cidades brasileiras.

---

1 A escrita (com hífen) é inspirada em Souza (2013), a fim de enfatizar a importância da investigação das relações sociais no espaço. Para o referido autor, socioespacial (sem hífen) remete, basicamente, a uma qualificação do vocábulo "espacial" e conota, principalmente, a materialidade. Como a sociedade, para ser compreendida, necessita de ênfase nas relações sociais, a grafia diferenciada é um marco do autor que, na referida obra, contribuiu com o debate dos principais conceitos da geografia. Carlos (2018, p. 12) também opta pela grafia "sócio-espacial" (com hífen) e explica que o motivo é "para enfatizar as relações sociais e ao espaço, simultaneamente, levando em consideração a articulação dialética de ambos no contexto da totalidade social, mas preservando a individualidade de cada um".

Logo, as metodologias aqui tratadas são uma contribuição para a realização de uma prática docente que consiga dialogar com a vivência dos alunos e com a realidade sócio-espacial brasileira. Tratando-se de sugestões podem ser adaptadas e/ou reelaboradas em cada sala de aula que, porventura, forem utilizadas.

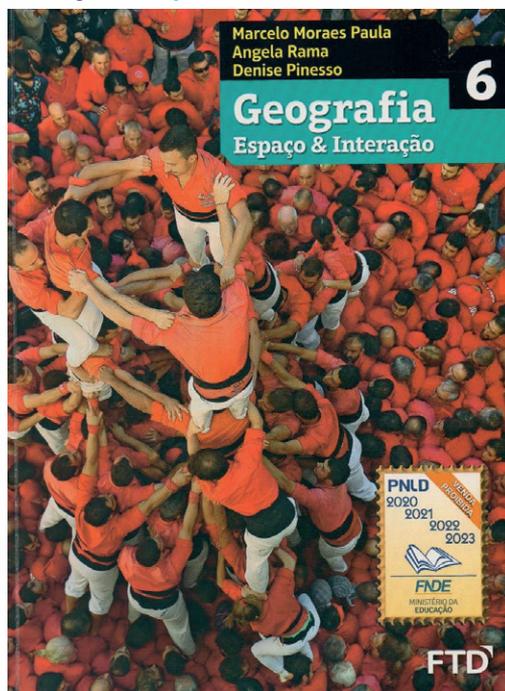
## **METODOLOGIA**

---

O presente artigo é fruto de reflexões da prática docente em sala de aula, assim como foi desenvolvido mediante inquietações que surgiram, na medida em que se debruça sobre o referencial teórico desenvolvido acerca das pequenas cidades brasileiras. Tal tema perpassa o debate puramente acadêmico e envolve a realidade social brasileira, por isso ele deve estar presente no âmbito escolar o mais cedo possível.

Estudar as pequenas cidades, reconhecer que estas existem e que são realidades sócio-espaciais, no Brasil, é uma necessidade de conhecimento de mundo para todos aqueles que residem e/ou querem estudar o território brasileiro. Nesse sentido, as proposições ora escritas são sugestões de metodologias que permitem extrapolar a utilização de recursos didáticos amplamente utilizados, como por exemplo o livro didático e a lousa, assim como, são ideias que podem ser aplicadas em quaisquer salas de aulas, dada a facilidade de realização das metodologias propostas. Cabe a(o) professor(a) escolher qual empregará em seu cotidiano escolar.

Para a confecção do artigo, além de uma revisão bibliográfica acerca do tema denominado "pequenas cidades" também foi realizado a análise de um livro didático de geografia (6º ano), especificamente na sessão que trata sobre "cidade" (Figura 1).

**Figura 1: Capa do livro didático analisado**

**Fonte:** PAULA; RAMA; PINESSO (2018)

Conforme pode ser visualizado na Figura 1, o livro analisado ainda está em vigência, visto que o ano de utilização nas escolas, os quais o adotaram, consta de 2020 a 2023. Ele foi um importante suporte para o desenvolvimento das ideias propostas, pois apresenta na prática (a realidade docente) como o conteúdo sobre “cidade” é exibido aos discentes.

Sabe-se da importância que o livro didático exerce na comunidade escolar brasileira, sobretudo para aquelas localidades mais carentes, em que muitas vezes este torna-se o para o aluno o principal recurso de pesquisa e aprendizagem, junto às aulas do professor. Assim, é impreterível que o docente analise o conteúdo do livro didático para que ele acrescente aquilo que deveria ser dito pelas páginas, mas que porventura foi ocultado.

Entender múltiplas realidades sócio-espaciais é uma tafera que deve ser desenvolvida já na escola, sobretudo quando se trata de conhecer a realidade brasileira, território de dimensões continentais. Compreender as cidades, no Brasil, necessita reconhecer que estas possuem dinâmicas diferentes e que podem ser

denominadas: pequenas cidades, cidades médias e cidades grandes, ou seja, a cidade é uma realidade multifacetada que carece ser interpretada e compreendida mediante análises teóricas e inserções de diferentes cotidianos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

Inicialmente convém inserir no debate a classificação, apresentada na geografia urbana, que qualifica as cidades em pequenas, médias e grandes. Na geografia, a cidade possibilita uma ampla discussão, principalmente, com o desenvolvimento capitalista.<sup>2</sup> Isso porque, à medida que o capitalismo foi se desenvolvendo, os espaços incorporaram mais dinâmicas e complexizaram-se de tal maneira que, para compreendê-los, buscou-se o critério de diferenciação e similaridade.

Nesse contexto, os adjetivos grande, média e pequena passaram a classificar tipos de cidades, de acordo com as suas respectivas dinâmicas (mesmo havendo heterogeneidades em cada um destes três grupos). Essa tipologia, por vezes, força o pesquisador a se arriscar a fazer classificações prévias, antes mesmo de se aproximar das dinâmicas dos espaços que serão estudados.

Por isso, os dados quantitativos dos moradores das sedes municipais são uma faca de dois gumes, pois, ao mesmo tempo em que se fazem necessários por entregarem volumes populacionais, eles não indicam aspectos qualitativos. Através da quantidade de habitantes, conhecem-se espaços mais e menos habitados, o que não significa necessariamente espaços com maiores e menores dinâmicas. As dinâmicas sócio-espaciais só são conhecidas ao se mergulhar nos contextos regionais.

Desse modo, é possível que alguma cidade, ao ser estudada, apresente características que destoem daquilo que cientificamente foi concebido como inerente às dinâmicas dos centros urbanos classificados como pequenos, médios ou grandes. Isso não significa um erro na classificação, mas um reconhecimento das heterogeneidades presentes nas cidades brasileiras. Classificações comumente levam em consideração aspectos gerais, enquanto as pesquisas sócio-espaciais tendem a revelar aspectos pontuais.

---

2 A revolução industrial é um marco essencial na alteração das formas das cidades, porque, quando a cidade surge, havia apenas o valor de uso, mas com a consolidação do capitalismo, tudo que nela se constrói passa a conter também valor de troca (SPOSITO, 2008).

Longe de querer conhecer as cidades apenas mediante o critério quantitativo, mas reconhecendo neste a sua importância informativa, a Tabela 1 apresenta uma compartimentação do número de habitantes por sedes municipais brasileiras, entre os anos de 1950 e 2010.

**Tabela 1 - Número de cidades nos Censos Demográficos (1950-2010) por classes de tamanho da população**

| População das cidades | 1950        | 1960        | 1970        | 1980        | 1991        | 2000        | 2010        |
|-----------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Ate 500               | 43          | 93          | 174         | 65          | 34          | 93          | 50          |
| De 501 a 1.000        | 255         | 370         | 620         | 330         | 205         | 292         | 234         |
| De 1.001 a 2.000      | 560         | 705         | 940         | 789         | 678         | 791         | 663         |
| De 2.001 a 5.000      | 595         | 867         | 1111        | 1203        | 1385        | 1617        | 1579        |
| De 5.001 a 10.000     | 230         | 358         | 516         | 692         | 904         | 1095        | 1160        |
| De 10.001 a 20.000    | 108         | 199         | 288         | 416         | 600         | 755         | 863         |
| De 20.001 a 50.000    | 64          | 104         | 189         | 295         | 394         | 476         | 583         |
| Mais de 50.000        | 32          | 68          | 114         | 201         | 291         | 388         | 433         |
| <b>TOTAL</b>          | <b>1887</b> | <b>2764</b> | <b>3952</b> | <b>3991</b> | <b>4491</b> | <b>5507</b> | <b>5565</b> |

Fonte: IBGE. Série e Estatísticas (2018).

Assim observa-se, na referida tabela, uma tendência para localidades com baixo adensamento populacional. Destaca-se o fato de que, em 2010, as sedes municipais com até 20.000 habitantes somavam 4.549 unidades, o que representa 82% das 5.565 cidades brasileiras. Este dado expressivo é importante para a análise ora realizada, porque, embora não haja um consenso quanto ao marco populacional para se indicar o que seria uma pequena cidade, autores como Maia (2010, p. 18) e Silva, Gomes e Silva (2009, p. 48) apontam 20.000 habitantes como um número máximo considerável para esses pequenos núcleos populacionais. Já Figueiredo e Guidugli (2009) sugerem 50.000 habitantes para a mesma classificação, o que tornaria ainda mais elevado o número de pequenas cidades brasileiras (englobaria 92,2% das sedes municipais), a partir do panorama populacional.

No estado da Paraíba, por exemplo, em 2010, das 223 cidades existentes,<sup>3</sup> 207 – o que representa 92,8% – detinham até 20.000 habitantes. E, se observadas as que possuíam até 50.000 habitantes, este volume ascende para 217 unidades municipais ou 97,3% das cidades paraibanas (Quadro 1).

**Quadro 1 – Número de cidades e população nos censos demográficos, segundo as classes de tamanho da população das cidades - Paraíba - 1960/2010**

| Classes de tamanho da população das cidades | Censos Demográficos |                |                  |                  |                  |                  |
|---|---------------------|----------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
|   | 1960                | 1970           | 1980             | 1991             | 2000             | 2010             |
| <b>Número de cidades</b>                    |                     |                |                  |                  |                  |                  |
| <b>Total</b>                                | <b>88</b>           | <b>171</b>     | <b>171</b>       | <b>171</b>       | <b>223</b>       | <b>223</b>       |
| Até 500                                     | -                   | 23             | 8                | 2                | 4                | 1                |
| De 501 a 1.000                              | 11                  | 32             | 23               | 7                | 27               | 19               |
| De 1.001 a 2.000                            | 21                  | 40             | 41               | 37               | 42               | 33               |
| De 2.001 a 5.000                            | 33                  | 49             | 54               | 60               | 78               | 88               |
| De 5.001 a 10.000                           | 10                  | 11             | 25               | 39               | 35               | 37               |
| De 10.001 a 20.000                          | 9                   | 8              | 11               | 15               | 24               | 29               |
| Mais de 20.000                              | 4                   | 8              | 9                | 11               | 13               | 16               |
| De 20.001 a 50.000                          | 2                   | 6              | 5                | 6                | 8                | 10               |
| Mais de 50.000                              | 2                   | 2              | 4                | 5                | 5                | 6                |
| <b>População das cidades</b>                |                     |                |                  |                  |                  |                  |
| <b>Total</b>                                | <b>629.014</b>      | <b>967.896</b> | <b>1.383.818</b> | <b>1.969.835</b> | <b>2.390.850</b> | <b>2.762.197</b> |
| Até 500                                     | -                   | 8.228          | 2.952            | 836              | 1.569            | 473              |
| De 501 a 1.000                              | 8.648               | 22.692         | 16.205           | 4.891            | 19.930           | 15.729           |
| De 1.001 a 2.000                            | 32.388              | 58.037         | 61.549           | 54.214           | 62.829           | 48.352           |
| De 2.001 a 5.000                            | 96.526              | 153.133        | 173.648          | 185.310          | 249.613          | 287.071          |
| De 5.001 a 10.000                           | 68.576              | 74.979         | 162.482          | 280.689          | 256.677          | 272.979          |

3 A Paraíba possuiu dois expressivos períodos emancipacionistas, o que gerou conseqüentemente surtos de criações de cidades. O primeiro ocorreu entre a década de 1950 (quando havia 41 localidades municipais) e a década de 1960 (quando atingiu 171 municípios). E o segundo ocorreu na década de 1990 (quando chegou a 223 municípios, número atual). Dessa maneira, o estado da Paraíba apresenta a menor área territorial média por município do país, o que o qualifica como unidade de federação brasileira muito fragmentada (BEZERRA, 2015, p. 156).

| Classes de tamanho da população das cidades | Censos Demográficos |         |         |           |           |           |
|---|---------------------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|
|   | 1960                | 1970    | 1980    | 1991      | 2000      | 2010      |
| <b>População das cidades</b>                |                     |         |         |           |           |           |
| De 10.001 a 20.000                          | 122.932             | 103.664 | 156.269 | 215.887   | 323.400   | 385.904   |
| Mais de 20.000                              | 299.944             | 547.163 | 810.713 | 1.228.008 | 1.476.832 | 1.751.689 |
| De 20.001 a 50.000                          | 47.898              | 178.364 | 164.643 | 206.902   | 280.964   | 327.156   |
| Mais de 50.000                              | 252.046             | 368.799 | 646.070 | 1.021.106 | 1.195.868 | 1.424.533 |

**Fonte:** Sinopse do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010).

A Paraíba é assim repleta de sedes municipais com baixo volume populacional. Tais espaços precisam aparecer nas análises geográficas e também nas aulas de geografia porque constituem um expressivo percentual de cidades, sendo uma característica dos centros urbanos que necessita se fazer presente na literatura da geografia brasileira (e também da paraibana).

Reitera-se que apenas o volume de habitantes não é suficiente para explicar a dinâmica de um lugar. Entretanto, ele é um conhecimento inicial elementar para realizar quaisquer estudos que envolvam análise sócio-espacial. Nas pesquisas sobre cidades, é um dado recorrente porque permite visualizar os adensamentos populacionais e destaca núcleos mais povoados, isto é, os nós mais evidentes da rede urbana.

Estes nós mais salientes podem sombrear aqueles de menor extensão. Sombrear, todavia, não é apagar. A alta percentagem de sedes municipais paraibanas contendo até 20.000 habitantes e 50.000 habitantes traz uma forte repercussão de cunho espacial, que é a distribuição da população pelo território paraibano. Essa distribuição, por sua vez, acarreta maior circulação (de pessoas, mercadorias, informações, capital, ordens, etc.) e soma lugares habitáveis para o aparecimento de formas espaciais típicas da cidade capitalista.

Para se ter uma ideia da distribuição da população urbana<sup>4</sup> da Paraíba, em 2010, as 16 cidades com população superior a 20.000 habitantes<sup>5</sup> aglutinavam

4 Refere-se ao critério censitário, isto é, aos que residem nas sedes municipais.

5 Na Paraíba, em 2010, as sedes municipais que possuíam mais de 20.000 habitantes (listadas em ordem decrescente) são: João Pessoa, Campina Grande, Santa Rita, Bayeux, Patos, Sousa, Cabedelo, Guarabira, Cajazeiras, Sapé, Mamanguape, Pombal, São Bento, Esperança, Catolé do Rocha e Monteiro.

63,4% da população. Por outro lado, as demais 207 sedes municipais somavam 36,6% do total de paraibanos (valores calculados a partir dos dados do Quadro 1).<sup>6</sup>

Esse contraste demográfico e espacial ajuda a pensar o caráter de seletividade do capital, a partir da seguinte afirmação de Pontes (2006, p. 327): “Considerando-se que, na perspectiva capitalista, os investimentos tendem a se concentrar em determinados pontos do espaço geográfico, pode-se compreender porque alguns núcleos nunca alcançam alguma expressão urbana”.

Embora a referida autora tenha sido radical ao utilizar a expressão “nunca”, entende-se que tal uso pretende ressaltar ausências de alterações decorrentes de ações capitalistas diretas (formas espaciais que concedem reprodução do capital). Portanto, a expressividade urbana referenciada pela autora vai além de números populacionais, mas também os abrange, seja de modo direto ou indireto.

Ao se reportar às pequenas cidades, na perspectiva de pensar as dinâmicas urbanas destes espaços, duas ponderações realizadas por Maia (2009; 2010) necessitam ser transcritas. A primeira é quando a referida autora afirma que algumas pequenas cidades são “intituladas por mérito administrativo, mas não por apresentarem características ou mesmo dinâmica própria de uma cidade enquanto lócus da vida urbana” (MAIA, 2009, p. 03). E a segunda concerne ao momento em que ela chama atenção para um grupo de cidades que não se encaixariam naquilo que Santos (1982) retrata como cidade local e nem mesmo como pseudocidade: seriam os núcleos que não possuem a “capacidade de suprir a população do próprio município com a oferta de serviços e produtos necessários. Estes núcleos estariam, assim, mais próximos da categoria ‘povoado’ do que ‘cidade’” (MAIA, 2010, p. 22).

Nesse contexto, é importante destacar o posicionamento de Soares e Melo (2009, p. 16), no qual afirmam que, “após a aprovação da Constituição Federal e da Emenda Constitucional [nº 15, de 12 de setembro de 1996], foram criados mais de 1000 municípios, com vários problemas e quase todas as sedes municipais consideradas pequenas cidades”. Embora as autoras não especifiquem os problemas aos quais estão se referindo, pelo teor da obra, é possível inferir que se trata de uma

---

6 Embora os dados populacionais estivessem sendo apresentados, neste capítulo, a partir do Censo Demográfico de 1950, ressalta-se que as informações apresentadas no Quadro 4 só estavam disponíveis no site consultado a partir de 1960, daí a ausência de informações sobre a década de 1950.

ausência considerável de estrutura urbana e econômica – denúncias recorrentes quando se aborda o tema de pequenos centros urbanos.<sup>7</sup>

Enxergar as cidades para além do volume populacional é uma tarefa mister em uma análise geográfica. É preciso inserir a cidade no contexto municipal, estadual, regional, nacional e global. Logo, classificar as cidades em pequenas, médias ou grandes não encerra uma análise geográfica. Aliás, a inicia.

Nesse cenário, reconhece-se que:

O quadro urbano brasileiro é profundamente diverso, diversidade esta que se dá pelas diferenças de tamanho, número de habitantes, dinâmica econômica, política e cultural, enfim, pelo conjunto de elementos e caracterizações que constitui as cidades brasileiras. Tal disparidade parece ser acentuada pelo fato de as estatísticas oficiais e análises tomarem por base o que se denomina quadro urbano brasileiro, ou seja, o conjunto de cidades do território brasileiro que, por sua vez, corresponde ao conjunto das sedes dos municípios. Desta forma, se as diversidades e mesmo as desigualdades produzidas pelas contradições da sociedade capitalista se fazem presentes no mundo como um todo, no Brasil, elas se revelam mais fortemente. (MAIA, 2009, p. 02).

Assim, é preciso estar atento à pluralidade das cidades que se desenha nas unidades da federação brasileira, bem como é impreterível, nas análises geográficas, enxergar o urbano em suas diferentes nuances, reconhecendo que, no Brasil, algumas cidades serão mais urbanas que outras, e isso é fruto da reprodução da sociedade capitalista, a partir das contradições que a sustentam.

Deve-se ressaltar que pequenas cidades são, primeiramente, cidades. Elas precisam ser vistas como espaços de realização da vida humana, como lugares de

---

7 Ao se reportar às emancipações municipalistas, Bezerra (2015, p. 161) esclarece que essa ação política exercia repercussões sobre três níveis de centralidade: na vida urbana (a vila passa a ser cidade); na vida político-administrativa (instala-se uma prefeitura); e na vida católica (a capela do distrito é elevada a paróquia). Por tais alterações, os movimentos emancipacionistas ganhavam forte apoio popular por parte daqueles que moravam nos distritos. O sonho de crescimento e desenvolvimento era rapidamente disseminado entre os moradores, através de discursos políticos, sobretudo de deputados (BEZERRA, 2015, p. 161). Apesar disso, após os surtos emancipacionistas, o cenário resultante foi um quadro de municípios com baixa população e muitos destes totalmente dependentes de transferências governamentais para sobreviverem. O desenvolvimento de alguns lugares ficou no campo dos discursos políticos. Quanto às cidades, estas concentraram população ainda mais reduzida em relação à municipal. E a vida urbana, típica da cidade capitalista desenvolvida, tornou-se inexpressiva em determinadas sedes municipais.

realização de processos sociais e como lugares de acontecimentos simultâneos de fenômenos globais, nacionais, regionais e estaduais. Há, pois, sociedade se reproduzindo nesses espaços. Há economia, política, cultura. Há dinamismos espaciais resultantes de tudo isso. As pequenas cidades são, assim, uma realidade inegável, logo é impreterível que elas se façam presente nas aulas de geografia.

Após realizar esta breve discussão sobre pequenas cidades, serão listadas três proposições para se trabalhar com esta importante temática curricular, a saber: i) realização de registros fotográficos *in loco*; ii) confecção de desenhos e poemas; e iii) utilização de músicas.

i. realização de registros fotográficos *in loco*;

Com o mundo digital em que vivemos, esta seja talvez a proposta mais atrativa de ser executada diante dos nativos digitais. Os smartphones estão cada vez mais presentes no cotidiano dos alunos e isso ao mesmo em que se apresenta como um desafio, na medida em que, se mal utilizados podem interferir no processo de ensino-aprendizagem, podem também, por outro lado, proporcionar um instrumento de aprendizagem significativo.

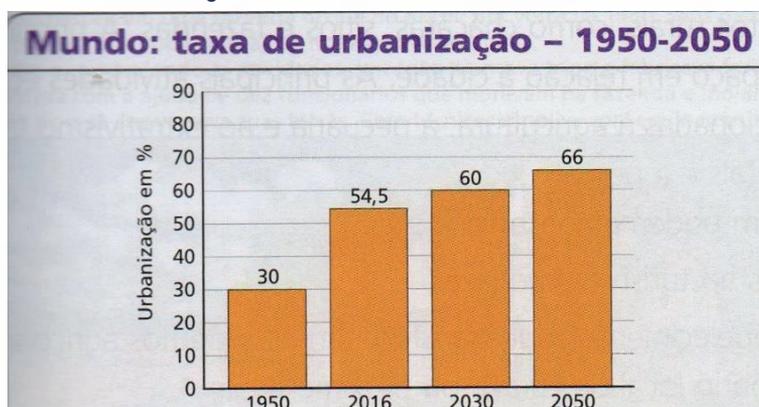
Segundo o site Olhar Digital (2018), o termo smartphone vem do inglês e significa "telefone inteligente". Pelas suas funções, é assim considerado porque funciona quase como um computador dentro do telefone (ampla capacidade de armazenamento, acesso à internet por wi-fi ou através de rede oferecida pelas operadoras, editor de documentos, entre outros), cujo sistema operacional oferece uma diversidade de aplicativos.

Para diversas atividades, os smartphones substituem com certa tranquilidade o uso do computador. Esse equipamento vem apostando em atributos que conotem maior custo-benefício. As telas cada vez mais amplas (para se assemelhar a um microcomputador ou tablet) e as câmeras fotográficas (ampliando cada vez mais a qualidade) são elementos que agregam valor ao produto e que também são explorados para a fabricação de novos modelos.

As câmeras fotográficas dos smartphones propiciam a captura de imagens de modo fácil e rápido. Os alunos, desse modo, podem registrar: cenas de seu cotidiano, do caminho de casa para a escola ou outros percursos que realizam em suas cidades e até mesmo da própria escola; enfim, eles dispõem de uma versatilidade de paisagens e ambientes que podem ser registradas, nesse tipo de atividade.

Os registros fotográficos, realizados pela turma, são uma atividade interessante porque vai de encontro às imagens apresentadas pelo livro didático. O livro de geografia analisado (Geografia espaço e interação, 6º ano), especificamente na sessão que trata sobre “cidade”, traz o conteúdo de modo reduzido. Apresentado em apenas duas páginas (p. 80-81), a cidade exibida no livro de geografia é basicamente a grande urbe e embora o livro analisado ressalte aos alunos que o mundo em que vivemos é urbano (Figura 2), este urbano mencionado não dialoga com a realidade das pequenas cidades brasileiras, aliás as primeiras imagens apresentadas são de cidades que não se localizam no Brasil (Figura 3).

Figura 2: Gráfico exibido no livro didático



Fonte: PAULA; RAMA; PINESSO (2018, p. 81)

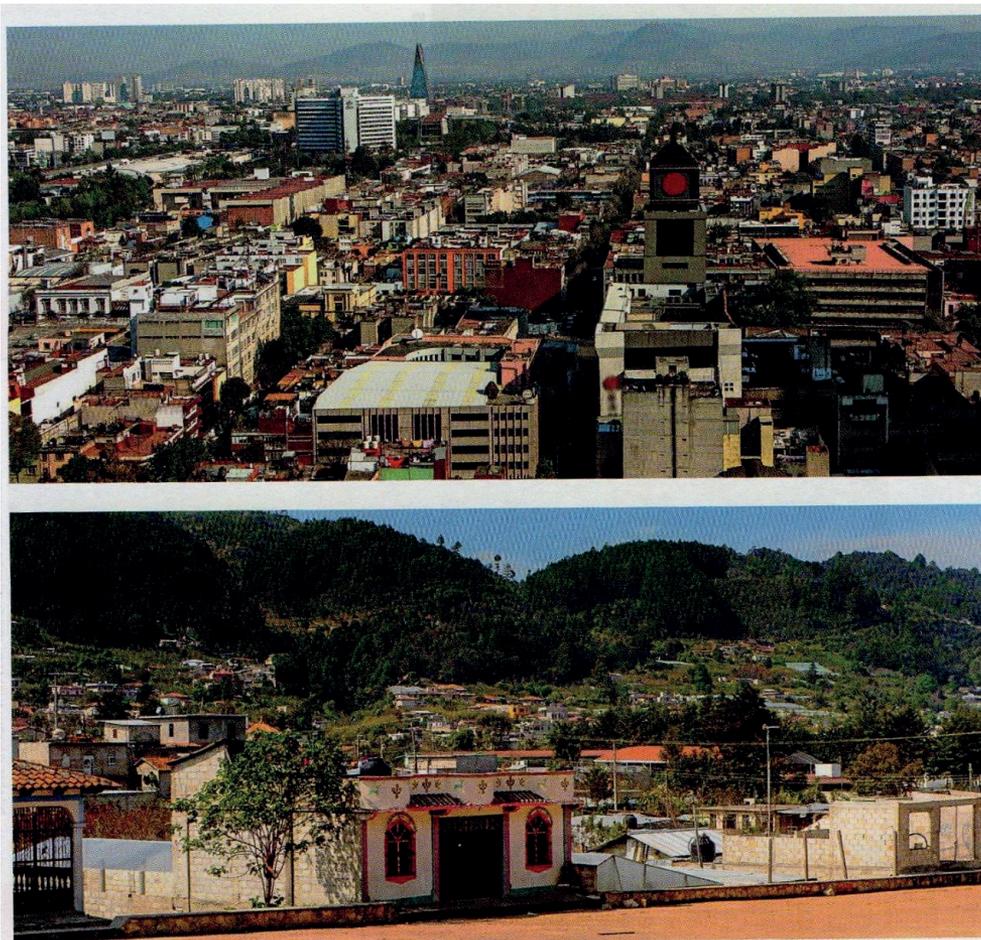
Assim, é impreterível a participação intelectual do processor durante as aulas para que os alunos compreendam que outras realidades também são consideradas cidades. É importante evidenciar que os registros fotográficos, confeccionados pelos alunos, também podem ocorrer em forma de vídeos, esta é outra linguagem interessante, sobretudo diante da ampla utilização de redes sociais digitais (Facebook, Instragram) e de aplicativos de mensagens instantâneas (Whats’App), os quais propiciam rápida e extensa disseminação de conteúdo e informação.

Segundo Furini (2017), o termo “rede social” deriva do vocábulo rede e consiste na interação existente entre pessoas ou grupos. Para o referido autor, a internet revolucionou a ocorrência de redes sociais mediante a existência de sites de relacionamentos (Orkut, MySpace, Facebook, Habbo, Windows Live Spaces e Friendster). As redes sociais que ocorrem exclusivamente via internet podem ser chamadas

redes sociais digitais, cujo poder se dá por possibilitar comunicação entre pessoas localizadas nos quatro cantos do planeta (norte, sul, leste, oeste).

Tal comunicação, no âmbito educacional, é importante porque permite que a escola dialogue com a comunidade mediante ferramentas manuseadas pelos próprios alunos. A presença da escola nesses tipos de redes sociais digitais é importante porque significa que escola se atualiza junto a sociedade e ademais o conteúdo produzido junto às aulas consegue romper os muros da escola. Assim, a utilização de registros fotográficos pode ser utilizados em diversas vertentes.

**Figura 3: Cidades mexicanas apresentadas (no início do conteúdo) no livro analisado**



Fonte: PAULA; RAMA; PINESSO (2018, p. 80)

- ii. confecção de desenhos e poemas;

A proposição de confecção de desenhos e poemas traz simultaneamente a possibilidade de envolver uma linguagem pictória e uma linguagem que extrapole a sistematização rígida dos conteúdos apresentados em livros didáticos e outros meios de pesquisa formais (sites, enciclopédias, dentre outros desse gênero).

Nessa atividade, os alunos são livres para reproduzirem as suas vivências, seja na confecção de desenhos ou na produção de poemas. Por outro lado, o professor também pode apresentar a turma poemas que tratem da temática trabalhada. O Quadro 2 exhibe um texto que pode ser utilizado nessa sugestão.

**Quadro 2 – texto a ser trabalhado diante da temática de pequenas cidades**

**CIDADEZINHA QUALQUER**

*Carlos Drummond de Andrade*

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

**Fonte:** [site Escrevendo o futuro \(2013\)](#)

O texto denominado “Cidadezinha qualquer” de Carlos Drummond de Andrade permite conhecer a realização das cidades brasileiras para além da existência dos grandes centros urbanos, ou seja, ao utilizá-lo pode-se evidenciar outras realidades existentes nas diversas cidades do Brasil.

O referido texto pode ser utilizado para incitar um debate em sala, convidando os alunos para se expressarem sobre qual cidade eles habitam, conhecem e convivem. Esta é, pois, uma redação que pode ser empregada para iniciar a temática sobre pequenas cidades. A partir de então o professor propõe outras atividades, tais como: reelaboração do texto (propondo inserção dos aspectos vivenciados pela turma) e confecção de desenhos (a partir dos debates).

iii. utilização de músicas.

A última sugestão proposta é a utilização de músicas para que a temática de pequenas cidades seja trabalhada de modo exitoso, nas aulas de geografia. Sabe-se que as músicas são um instrumento de ensino-aprendizagem importantíssimos. O professor pode levar a música para a turma (prática docente mais comum, pode ser utilizada em quaisquer série) ou pedir a confecção de paródias, depois de trabalhar o conteúdo (prática menos recorrente, pois requer habilidades específicas da turma). No primeiro caso, uma canção que pode ser empregada é “Simplicidade”, interpretada por Pato Fu (Quadro 3).

**Quadro 3 – Música para ser trabalhada diante da temática de pequenas cidades**

**Simplicidade**  
(Pato Fu)

Vai diminuindo a cidade  
Vai aumentando a simpatia  
Quanto menor a casinha  
Mais sincero o bom dia

Mais mole a cama em que durmo  
Mais duro o chão que eu piso  
Tem água limpa na pia  
Tem dente a mais no sorriso

Busquei felicidade  
Encontrei foi Maria  
Ela, pinga e farinha  
E eu sentindo alegria

Café tá quente no fogo  
Barriga não tá vazia  
Quanto mais simplicidade  
Melhor o nascer do dia

**Fonte:** [site Letras \(2023\)](#)

Esta canção dá voz a uma cidade pequena em que a simplicidade prepondera. Tal canção também pode ser utilizada para realização de debates e posteriormente para confecção de desenhos, sendo que o mais importante, desse instrumento de

ensino-aprendizagem, é extrapolar aquela visão rígida, exibida pelo livro didático, em que duas folhas tendem a resumir a complexidade das cidades brasileiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A inserção de temáticas que façam parte do cotidiano dos alunos é uma necessidade que se faz presente no ambiente escolar. As pequenas cidades é um destes temas, visto que como exposto no decorrer do texto, são uma realidade brasileira inegável. Assim, é necessário que o professor, na medida do possível, crie estratégias que possibilitem à turma o reconhecimento destes ambientes não metropolitanos.

A realização de registros fotográficos *in loco* (nas pequenas cidades), a confecção de desenhos e poemas; e a utilização de músicas são algumas estratégias de ensino que podem ser utilizadas pelos docentes para envolver com maior eficácia aqueles residentes nas pequenas cidades, sobretudo porque eles estarão estudando a partir de suas vivências. O processo de ensino-aprendizagem, desse modo, torna-se mais exitoso e os alunos tem maior possibilidade de compreender que o conteúdo está para além do livro didático.

## REFERÊNCIAS

---

BEZERRA, Josineide da Silva. Criação de municípios na Paraíba: ponderações para tangenciar o debate. *In*: SILVA, Anieres Barbosa; GUTIERRES, Henrique Elias Pessoa;

GALVÃO, Josias de Castro. **Paraíba**: pluralidade e representações geográficas. Campina Grande: EDUFPG, 2015. p. 155-169.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FIGUEIREDO, Vilma Dominga Monfardini; GUIDUGLI, Odeibler Santo. Pequenas cidades: os desafios dos conceitos e critérios de classificação. *In*: PITTON, Sandra Elisa; ANTÔNIO FILHO, Fadel David (org.). **Geografia Plural**: única e múltipla. Rio Claro: IGCE/UNESP, 2009.

FURINI, Luciano Antônio. Redes sociais. In: SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Glossário de geografia humana e econômica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Séries históricas e Estatísticas**. Disponível em: <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=CD96&t=numero-municipios-existent-censos-demograficos>. Acesso em: 05 maio 2018.

MAIA, Doralice Sátyro. **Cidades pequenas**: como defini-las? Apontamentos para os estudos sobre as cidades pequenas. 2009. PDF. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/212792866/Cidade-Spe-Quen-as-Como-Defini-Las>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades médias e pequenas do Nordeste: conferência de abertura. In: LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs.). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Série Estudos e Pesquisas. Salvador: SEI, 2010. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/cidades%20m%C3%A9dias%20e%20pequenas%20teorias,%20conceitos%20e%20estudos%20de%20caso.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2018.

PAULA, Marcelo Moraes; RAMA, Maria Angela Gomes; PINESSO, Denise Cristina Christov. **Geografia e interação: 6º ano ensino fundamental: anos finais**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2018.

PONTES, Beatriz, Maria Soares. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação; SOBARZO, Oscar (orgs.). **Cidades Médias**: produção do espaço. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 327-346.

SANTOS, Milton. Espaço e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1982.

SILVA, Anieres Barbosa da; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro da. Por uma concepção conceptual: as pequenas cidades em tela. In: SILVA, Anieres Barbosa da; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro

da (orgs.). **Pequenas cidades:** uma abordagem geográfica. Natal, RN: EDUFRRN, 2009. p. 43-58.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO; Nágela Aparecida de. Revisando o tema da pequena cidade: uma busca de caminhos metodológicos. *In:* SILVA, Anieres Barbosa da; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro da (orgs.). **Pequenas cidades:** uma abordagem geográfica. Natal, RN: EDUFRRN, 2009. p. 13-41.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espa-**  
**cial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e cidades.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

## SITES CONSULTADOS

ESCREVENDO O FUTURO. **Cidadezinha qualquer.** Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/08/13/cidadezinha-qualquer-carlos-drummond-de-andrade/>. Acesso em 14. jul. 2023.

LETRAS. **Simplicidade.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pato-fu/185865/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

OLHAR DIGITAL. **O que diferencia os celulares dos smartphones.** Disponível em: <https://olhardigital.com.br/video/o-que-diferencia-os-celulares-dos-smartphones/14727>. Acesso em: 01 fev. 2018.